

Índio e cidadania

SYLVIO BACK

As vésperas de a Espanha "comemorar" (...) os 500 anos de fundação do genocídio americano, o que parecia impensável, ocorre natural diante de nossos olhos: a volta por cima do descoberto que agora invade a praia e a côrte do descobridor.

Uma viagem de signos tão insólita quão emblemática: o Índio Raoni, do alto de sua majestade guerreira e ecológica, cobrando reparação em dólar (...) da constrangida e culposa Europa, nos remete aos primórdios da conquista, com outro gosto e novo alento.

Montaigne tinha razão. Índio não quer apito, Índio quer direito à vida, à "sua vida". O "selvagem" romântico, tão "bom" que acabou escravizado e morto por espanhóis e portugueses abençoados com o perdigoto divino da igreja —na sua versão moderna, desvencilha-se da tralha imperial que o tem agrilhado desde quando Colombo fincou a primeira cruz no continente. E sem nenhuma coincidência, o desenho dela é o mesmo da espada.

Só que agora, o Índio abandonou a vitrina do folclore, da crônica do vencedor e da "minoridade" civil. Ironicamente, só conseguiu atingir esse patamar de poder aprimorando-se do mesmo instrumental ideológico do seu predador, temporal e espiritual. Mas, ironia à parte, o susto permanece: índios "mortos"-vivos como os verdadeiros e únicos interlocutores hábeis dos seus algozes históricos, hoje assistam seus facões na jugular da consciência branca, exigindo igualdade de direitos e deveres. O artigo "incivilizado" reconduz a humanidade à civilização. O mote: a destruição da natureza é a bomba de neutrons de todos nós.

Daf sintomático assistir a Índios "sequestrando" funcionários autoritários do governo, Índios —de "Winchester" engatilhada— desafiando fazendeiros assassinos, Índios batendo a borduna contra as "frentes de progresso" (sic) —barragens, estradas, minerações, etc—, num tom que nem de longe lembra algum lamento ou um protesto reivindicatório. É um atávico grito de guerra.

Índio não quer mais espelhinho e verbo vaticano. Índio quer direito à cidadania. É o que se vê, a cada dia, mais consistente: a recaptura do seu legendário equilíbrio social e espiritual secularmente oprimido, vampirizado e



ocupado pela pólvora e a lábria do conquistador.

E essa tomada de consciência (se a palavra couber...) já não mais se limita a garantir o horizonte de suas terras, mas o horizonte absoluto, o de seu universo imaterial.

O poder do Índio é a sua energia mítica. Nele se aloja a sua inquebrantável força e gana, digamos, existencial. Por isso, nada surpreendente que a igreja (recém, as comunidades evangélicas de forma até mais violenta) —desde sempre— tenha ficado na cola e usufruído das más intenções do branco genocida.

A igreja foi (e continua sendo, com novo e mais sofisticado aparato evangelizador, de extrato pedagógico-militar herdado aos jesuítas multinacionais da República Guarani), o principal agente destribilizador do indígena americano.

Graças à evangelização, que pressupõe hierarquia política e submissão mental, que o colonizador pode, impunemente, transformar valentes guerreiros e xamãs iluminados em dóceis operários dessalariados e cristãos descarnados.

Hoje, sacudindo essa autêntica agressão aos seus direitos humanos (em Londres de meados do século 17, nascia o primeiro decálogo dos direitos do cidadão, o "Bill of Rights"), que o Índio reassume o elo perdido do imaginário "selvagem" da América: o do Índio invencível, livre e dono do seu destino terreno e cósmico. A cidadania original reconquistada.